

LIÇÃO DE CASA É PARTICIPAÇÃO: PRÁTICAS DISCURSIVAS SUBJETIVADORAS EM ESTRATÉGIAS BIOPOLÍTICAS E DE GOVERNO

Carmen Brunelli de MOURA¹⁰²

Marluce Pereira da SILVA¹⁰³

Resumo: O artigo problematiza como os mecanismos biopolíticos propostos pelo movimento *Educar para Crescer*, em especial as discursividades que perpassam depoimentos que aparecem no *hotsite Lição de casa é Participação*, estão atrelados a práticas discursivas que governam de forma sutil as subjetividades dos pais, constituindo mecanismos biopolíticos. Examina-se de que modo alguns dos enunciados desse *hotsite* instituem sentidos que apontam para um processo de autogoverno da família. Utilizam-se dispositivos teóricos analíticos foucaultianos como biopolítica, normalização e subjetivação. A análise mostrou que os depoimentos das “celebridades” fazem circular discursos que operam como dispositivos biopolíticos que governam os pais e estes governam os filhos.

Palavras-chave: Lição de casa. Biopolítica. Normalização. Subjetivação.

Abstract: *The article presents partial results of a research that intends to discuss the biopolitical mechanisms by the Educate to grow movement, especially in the testimonies shown in the hotsite Homework is Participation, which are intrinsically tied to discursive practices subtly and erratically governing the parents' subjectivities. We have examined how some of the enunciations of this hotsite establishes senses toward a process of the family self-governing. We have used foucaultian theoretical and analytical devices such as bio-policy, normalization and subjectivity. From analytical devices, the analysis showed that the testimonies of the celebrities – to whom the hotsite attributes the condition of experts – makes circulate discourses that operate as bio-political devices to govern parents and the latter govern the children in homework.*

Keywords: *Homework. Biopolitics. Normalization. Subjectivity .*

¹⁰² Professora da Escola de Educação, Curso de Letras da Universidade Potiguar (UnP), Natal-RN, Brasil, carmenbm2005@gmail.com.

¹⁰³ Professora do Departamento de Letras do, Campus IV da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Joao Pessoa-PB, Brasil, marlucepereira@uol.com.br.

Introdução

Para o filho a lição de casa é um dever. Para o pai, deve ser um prazer. (Frei Beto)
Lutei para fazer do momento da lição de casa algo natural. (Ronaldo Fraga)

Esses trechos de depoimentos de “personalidades”, registrados no hotsite “Lição de Casa é Participação”¹⁰⁴ do movimento *Educar para Crescer*, fazem parte de um conjunto de práticas discursivas que compõem as estratégias biopolíticas da racionalidade contemporânea e passam a produzir não apenas novas tecnologias de governo, mas também novas formas de subjetivação. Formas que afetam as subjetividades em meio a uma miríade de discursos, táticas, técnicas, procedimentos, organizados pelas *expertises*, que legitimam regras, discursos, dão opiniões e conselhos para que os sujeitos possam conduzir a si mesmos e aos outros.

Neste contexto biopolítico se instauram poderes, governos, verdades que se instituem ou são instituídos em espaços alternativos, como a mídia educativa, compreendida como *governamentalidade* que propicia novas formas de governar, novas práticas discursivas e remete a momentos de rupturas, ressignificações, de produção de outros sentidos. É uma “pedagogia cultural” (televisão, filmes, propagandas, revistas, internet, *outdoors*, jornais, entre outras formas de mídia), na qual circula uma discursividade que passa não apenas a moldar as subjetividades, mas também a regular as práticas sociais nas quais a atenção se volta muita mais para quem aprende.

Neste artigo, a mídia será tomada como uma racionalidade política, produzindo novas formas de vida, que propõe uma forma de gestão da conduta dos sujeitos no que convencionamos denominar de “sociedade educativa”, compreendida como “[...] uma forma de sociedade em que a vida passou a ser considerada como uma grande escola e em que todos os membros devem ser capazes de aprender permanentemente”¹⁰⁵ (NOGUERA-RAMIREZ; MARIN-DIAZ, 2012, p.17, tradução nossa).

Nesta sociedade, a aprendizagem não se dá apenas no espaço escolar pela figura do professor. Ela acontece em qualquer espaço social e por qualquer pessoa que é convidada a

¹⁰⁴ Disponível em: <http://educarparacrescer.abril.com.br/aprendizagem/depoimentos-licao-casa-740473.shtml#8>. Acesso em: 20 Jan.2015.

¹⁰⁵ [...] una forma de Sociedad en la cual la vida pasó a ser considerada como una gran escuela y en la cual todos sus integrantes deberían estar capacitados para aprender de manera permanente. (NOGUERA-RAMIREZ; MARIN-DIAZ, 2012, p.17).

dar sua contribuição na tarefa de educar e que, neste caso, devem ter “prazer” em ensinar e considerar o dever de casa como “algo natural”. Este artigo problematizou os mecanismos biopolíticos propostos pelo movimento *Educar para Crescer*, em especial as discursividades que atravessam os depoimentos construídos pelos *experts* que fazem parte do *hotsite Lição de casa é Participação*, e sua relação intrínseca com as práticas discursivas que governam de forma sutil e nômade as subjetividades dos pais.

Questionamos, então, acerca da emergência de práticas biopolíticas na condução da conduta dos pais quando são chamados a autoconduzirem-se em relação ao dever de casa pela *expertise* do *hotsite*. Examinamos, portanto, em que medida os discursos dos *experts* instituem sentidos que apontam para um processo de autogoverno da família que implica transformações em suas subjetividades diante da maquinaria biopolítica.

Assim, este artigo apresenta nos tópicos subsequentes as ferramentas que vão possibilitar analisar as práticas discursivas das celebridades que compõem o *hotsite Lição de casa é Participação* e sobre as quais vamos direcionar nossas problematizações: a constituição da arte de governar pelo *Educar para Crescer* e as práticas biopolíticas enquanto uma tecnologia de poder e liberdade. A partir daí, dissolvemos entre estas noções os enunciados das celebridades e do *hotsite*, tentando evidenciar como operam discursivamente os dispositivos biopolíticos na produção de subjetividades dos pais para governar a si e, consequentemente, governar a seus filhos durante a produção da lição de casa.

A arte de governar do *Educar para Crescer*

O *Educar para Crescer* é um movimento cujo objetivo maior é o progresso da educação brasileira, pois, segundo o site, sem educação e qualidade se torna impossível vislumbrar um Estado desenvolvido e uma população consciente de seus direitos e deveres. Foi pensando nisso que Roberto Civita, empresário do Grupo Abril, afirmou no lançamento do movimento em 15 de setembro de 2008: "A Abril está interessada em Educação desde sempre. Quando escrevemos nosso credo, que está nas paredes de nossos prédios, já incluímos a Educação"¹⁰⁶.

¹⁰⁶ Citações da fala de Roberto Civita nesta página estão disponíveis em: <http://educarparacrescer.abril.com.br/iniciativa/educar-para-crescer-785161.shtml>. Acesso em: 20 Jan. 2015.

Como conselheiro do movimento, acrescenta ainda que a "Educação faz parte do DNA da casa. [...] A ideia é fazer com que os leitores se conscientizem da importância de seu papel" e que educar não é "[...] apenas um problema do Governo, ou um problema da Escola, ou um problema dos outros: a Educação é um problema dos pais, das comunidades, de cada cidadão." Essa ampliação do governo e responsabilidade de todos é confrontada por Grinberg em uma entrevista concedida a Noguera-Ramirez e Marin-Diaz (2013, p. 118) quando afirma que a "[...] educação é biopolítica e a biopolítica é educação"¹⁰⁷, pois permite explicar e compreender que estas duas práticas se atravessam mutuamente.

A contribuição da empresa para a melhoria da qualidade da Educação básica no Brasil se dá por meio de artefatos como publicações, sites, material pedagógico, pesquisas e projetos que, segundo seus organizadores, auxiliam "na capacitação dos professores, gestores e demais responsáveis pelo progresso nacional", neste caso, os pais, que são orientados pelos *experts* acerca da relevância do acompanhamento da lição.

Já está provado: a participação dos pais é essencial para o aprendizado dos filhos. Tanto que, em países reconhecidos por sua educação de qualidade, como Suíça e Finlândia, os pais e a família como um todo são muito envolvidos na vida escolar de seus filhos. (Cynthia Costa)¹⁰⁸.

Como Frei Beto e Ronaldo Fraga, Cynthia Costa é mais uma "celebridade" que é abarcada pela máquina do poder biopolítico para demonstrar o quanto na sociedade educativa a figura do outro é primordial, pois quando afirma que "a participação dos pais é essencial para o aprendizado dos filhos", seu dizer não evidencia efeitos de que os pais sejam "sujeitados" a esse discurso educador. Pelo contrário, seu enunciado produz efeitos de autogoverno, uma vez que abre possibilidades de os pais conduzirem de forma autônoma a própria conduta. Os discursos desses *experts* passam a produzir sentidos de mudanças, transformações nos pais e a constituir subjetividades requeridas pelo Estado educador, segundo uma regulação das *práticas de liberdade* encontradas em "certo número de regras de conduta ou de princípios que são simultaneamente verdades e prescrições" (FOUCAULT, 2004b, p. 269).

¹⁰⁷ [...] la educación es biopolítica y la biopolítica es educación. (In: NOGUERA-RAMIREZ; MARIN-DIAZ, 2013, p.118)

¹⁰⁸ Disponível em: <http://educarparacrescer.abril.com.br/comportamento/escola-importante-731729.shtml>. Acesso: 03 març.2015.

Como a noção de governo está atrelada aos “[...] programas e estratégias mais ou menos racionalizadas para a conduta da conduta” (ROSE, 2001, p. 42), no fio desse discurso de parceria, o *Educar para Crescer* desenvolve estratégias para a condução dos pais ao governo de si, quando relata sua sociedade com os *Amigos do Educar*, canal que “reúne educadores, especialistas e celebridades” e aborda várias temáticas como humor, valorização do professor, exemplaridade, estímulo, paciência e outras que propiciam confiança e investimento em uma “Educação de Qualidade”.

As discursividades desse movimento buscam respaldo em pesquisas¹⁰⁹ para reafirmar a importância da lição de casa e sua contribuição para o desenvolvimento da criança e valorização do trabalho, escola e educação. Além disso, orienta os pais acerca de dicas sobre como se envolver na lição de casa, pois quanto maior a participação, maior a aproximação da família e do desempenho escolar e os “alunos sentem que vão melhor na escola”¹¹⁰. Em outras palavras, o movimento, considerado uma *expertise* em “condução da conduta”, se oferece para ensinar aos pais técnicas pelas quais eles possam conduzir sua conduta da melhor forma e a dos filhos em relação às tarefas de casa.

Ao contrário de discursos ameaçadores, violentos, constrangedores, o movimento vai conduzir os pais com um poder sutil cujos discursos são persuasivos, agradáveis, acolhedores, pois as autoridades não têm mais o poder de ordenar. Como diz Bauman (2001), a única autoridade que existe nas relações de poder contemporâneas está vinculada a quem escolhe entre uma autoridade e outra. A relevância da mídia educativa na contemporaneidade é significativa, uma vez que ela não apenas tem a função de orientar como também de dar visibilidade aos discursos oficiais de forma mais perspicaz. Nesse sentido, a arte de governo do *hotsite* e suas práticas discursivas passam a divulgar sentidos de verdades que fazem parte das intenções das políticas públicas neoliberais e devem ser reconhecidas e legitimadas pelos pais como podemos observar quando o *Educar para Crescer* enuncia: “A lição de casa aproxima a família, pois dá oportunidade aos pais de mostrarem interesse pelo desempenho escolar de seus filhos”¹¹¹.

¹⁰⁹ American Educational Research Journal. (1997); Cooper, H., Robinson, J. C., & Patall, E. A. (2006); Parental involvement in homework. (2001).

¹¹⁰ Disponível em: <http://educarparacrescer.abril.com.br/aprendizagem/licao-de-casa-740454.shtml#4>. Acesso em: 02 Fev. 2015.

¹¹¹ Disponível em: <http://educarparacrescer.abril.com.br/aprendizagem/licao-de-casa-740454.shtml#0>. Acesso em 02 Fev. 2015.

Como a “ordem do discurso” desta mídia educativa não só é disciplinar, normalizar, interditar, mas também intensificar a relação que os sujeitos têm consigo mesmo, de propor transformações em suas subjetividades, é possível evidenciar nos vocábulos “aproxima”, “oportunidade”, “desempenho” marcas de um conjunto de discursos educativos articulados a uma prática pedagógica que ensina aos pais o quanto a lição de casa é relevante na atualidade tanto para a os pais quanto para os filhos. Nessa arte de governar, que se desenvolve a partir do movimento *Educar para Crescer*, o *hotsite Lição de casa é Participação* convoca os pais para que façam sua parte, acompanhem as tarefas e participem mais da vida escolar de seus filhos. Isso só fortalece a relação família e escola.

Este *hotsite* questiona os pais acerca da relevância da lição de casa e produz uma discursividade a partir de “importantes figuras que têm a dizer sobre o assunto” que passam a evidenciar em seus enunciados o desenvolvimento de competências necessárias para a realização da tarefa de casa que deve, segundo o depoimento de Frei Beto, ser um dever para os filhos e um prazer para os pais. Essas ações políticas sobre a vida dos pais se instituem como um marco em nossa sociedade educativa, considerada uma grande escola onde todos devem aprender de forma permanente.

Esse e outros enunciados são divulgados nas páginas designadas “Depoimentos sobre Lição de Casa” e lá estão expostos os testemunhos de celebridades cujos sentidos expressam que eles se identificam com os pais e que têm como atribuição fazer com que esses reconheçam que o momento da lição de casa é uma “importante etapa do aprendizado” da criança. Esses depoimentos implicam práticas mais ou menos deliberadas, organizadas com certa sistematicidade que concorrem para a produção de subjetividades pedagógicas. Estas intervenções no governo dos pais devem ser realizadas não apenas como uma prática de proteção, mas também como uma tecnologia biopolítica, agindo em torno da produção de subjetividades ao administrar a vida dos pais como uma política pública.

Os depoimentos dos *experts* passam a ser compreendidos como a chave da biopolítica, uma vez que procuram educar a população que, de acordo com Grinberg (2013),

[...] a educação é essencial na nossa moderna e/ou pós-moderna sociedade. Esse nível é central para entender que políticas da vida são práticas pedagógica. [...] A sociedade esclarecida é ela própria uma sociedade pedagogizada. A formação é inseparável da razão, seja quando a pensamos como educação daqueles que vêm ao mundo, seja quando a pensamos como

autoeducação¹¹². (In: NOGUERA-RAMIREZ; MARIN-DIAZ, 2013, p. 119, tradução nossa).

Esse treinamento se faz presente no momento em que o Estado cumpre sua função de educar a população por meio de práticas sociais e de uma materialidade discursiva cujo vocabulário produz efeitos de sentidos pedagógicos como no caso do depoimento de Thalita Rebouças, escritora de livros juvenis,

Meu conselho aos pais que sofrem para os filhos fazerem a tarefa é aquele que nunca sai de moda: o diálogo. Mostrem a eles o que têm a ganhar como pessoa ao cumprir aquela obrigação. (Thalita Rebouças)

Ao pensar a mídia educativa, especificamente, o *hotsite*, como uma *prática discursiva*, é preciso compreendê-la como produto da linguagem e de uma história nos quais apreendemos que o poder na sociedade educativa se efetiva na relação entre palavras e ações. Ou seja, os pais não estão sozinhos nesse barco e, recuperando as palavras de Bauman (2005, p.95), “[...] todos nós dependemos uns dos outros. [...] Curto e grosso: ou nadamos juntos ou afundamos juntos”.

A discursividade das expressões enunciadas pela escritora produz sentidos de “conselho”, reafirmados em “Mostrem a eles”, “ganhar como pessoa” que se instituem como verdades e implicam uma rede flexível, uma forma econômica de governo que tem uma natureza biopolítica, uma vez que há uma produção de processos de bem estar e de ensino para a constituição das subjetividades dos pais, fundamentada e conduzida nas relações sociais.

Esses mecanismos biopolíticos são materializados em depoimentos de outras personalidades que se sobressaem em suas áreas de atividade e evidenciam uma relação direta entre fama, estudo e lição de casa. Entre esses, fazem parte desse elenco o publicitário Washington Olivetto e o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso. Vejamos trechos de seus depoimentos acerca da relevância da lição de casa:

Fez me descobrir que sou um resolvedor de problemas. Sempre fui assim, mas consegui me organizar mentalmente de modo mais eficaz graças às

¹¹² [...] la educación es clave en nuestras modernas y/o pós-modernas sociedades. En este plano es central entender que las políticas sobre la vida son en sí mismas prácticas pedagógicas. [...] La sociedad ilustrada es en sí una sociedade pedagogizada. La formación es inseparable de la razón, sea que la pensemos como la educación de los que llegan al mundo, sea que la pensemos como auto-educación. (In: NOGUERA-RAMIREZ; MARIN-DIAZ, 2013, p.119)

horas que passava fazendo as tarefas escolares com minha mãe, Antônia, ou com minha tia Lígia. (Washington Olivetto)

Sinto que esse apoio às crianças, seja na sala de aula, seja nas lições de casa, é essencial, especialmente no Brasil, onde em geral o período letivo e a duração das aulas é tão curto, que sem a complementação da família, no lar, fica difícil avançar no aprendizado. (Fernando Henrique Cardoso).

Essas celebridades ou *experts* pedagogizam os pais com seus discursos que constroem sentidos de comportamentos exemplares em relação ao dever de casa. Eles passam, a partir de um sistema biopolítico, a operar transformações nas subjetividades da família, envolvida por formas de controle nômades, flexíveis (DELEUZE, 1992) como o depoimento de Washington Olivetto quando afirma: “consegui me organizar mentalmente de modo mais eficaz graças às horas que passava fazendo as tarefas escolares com minha mãe”. Ou no depoimento do presidente Fernando Henrique, “sem a complementação da família, no lar, fica difícil avançar no aprendizado”.

De acordo com Noguera-Ramirez e Marin-Diaz (2012), é possível perceber no contexto da modernidade que,

[...] apesar de a escola ter um lugar de destaque na sociedade educativa, não é ela que define a natureza educacional daquela: a sociedade é educativa, porque, além da escola, o indivíduo precisa ser ensinado, educado, aprender e continuar a aprender ao longo das suas vidas. A sociedade educativa torna o mundo um grande escola e da educação um fato permanente¹¹³ (NOGUERA-RAMIREZ; MARIN-DIAZ, 2012, p.19, tradução nossa).

A compreensão dessa descentralização do poder estatal e ampliação dos poderes para pensar as práticas pedagógicas, levam a compreender a participação da sociedade como parte das transformações do governo da população, na racionalidade do governo, cujo objetivo é governar menos, mas com o máximo de eficiência. Para tanto, os pais terão que perceber que a lição de casa precisa ser “valorizada” por todos e que não é uma tarefa fácil, pois há uma demanda de coordenação do tempo, do espaço e do comportamento dos pais e filhos e exige da família uma rotina que não se reduz ao espaço escolar durante as aulas, mas deve continuar em casa e não pode ser em “[...] frente à televisão nem enquanto janta” (Regina Scarpa, coordenadora pedagógica da Fundação Victor Civita).

¹¹³ [...] a pesar de que la escuela ocupe un lugar destacado en esa sociedad educativa, no es ella quien define el carácter educativo de aquella: esa sociedad es educativa porque, además de la escuela, más allá de ella, el individuo precisó ser enseñado, ser educado, aprender y continuar aprendiendo a lo largo de su vida. La sociedad educativa hace del mundo una gran escuela y de la educación un hecho permanente. (NOGUERA-RAMIREZ; MARIN-DIAZ, 2012, p.19)

Práticas biopolíticas no *hotsite* Lição de casa

A fim de continuarmos problematizando a emergência de práticas biopolíticas no autogoverno dos pais pelo movimento *Educar para Crescer* quando a família passou a ser alvo desta campanha e de suas práticas de governo, é necessário compreender que o poder não é mais um conjunto de relações de dominação, de disciplinamento de corpos, mas um jogo de ações sobre ações que deve ser capaz de ampliar a autonomia dos sujeitos. É o poder biopolítico no qual o

[...] o Estado não é um monstro frio, é o correlato de uma certa maneira de governar. E o problema está em saber como se desenvolve essa maneira de governar, qual a sua história, como ela ganha, como ela encolhe, como ele se estende a determinado domínio, como ela inventa, forma, desenvolve novas práticas – é esse o problema, e não fazer do [Estado], como no teatro de fantoches, uma espécie de policial que viria reprimir as diferentes personagens da história. (FOUCAULT, 2008, p. 9).

Nessa “maneira de governar”, o Estado convoca o *hotsite* que se destaca ao formalizar esta nova arte de governar neoliberal que vai se fazer presente na mídia educativa quando esta ratifica os discursos do Estado formando novas combinações para assegurar a transformação do indivíduo em um sujeito “livre” e responsável por suas ações, atitudes, comportamentos. Nessa *governamentalidade*, novas práticas discursivas surgem para dar passagem do “[...] governo da sociedade’ – no liberalismo – para o ‘governo dos sujeitos’ – no neoliberalismo” (VEIGA-NETO, 2000, p.199). A mídia educativa faz parte da ampliação das racionalidades de governo e de uma relação diferente entre os sujeitos e os *experts*.

Para compreender, então, como o *hotsite Lição de Casa é Participação* age sobre os pais, se faz necessário ampliar esta discussão com a questão da biopolítica que não está mais associada a um poder disciplinar e normalizador no qual “[...] a disciplina tenta reger a multiplicidade dos homens na medida em que essa multiplicidade pode e deve redundar em corpos individuais que devem ser vigiados, treinados, utilizados, eventualmente punidos” (FOUCAULT, 2002, p. 289). Mas, a um governo que tem como foco a população, e de cujo interior emerge um sujeito *expert* de si, que se constitui a partir de discursos exemplares das celebridades, como de Marcelo Gleiser, físico, astrônomo, escritor e professor do Dartmouth College, nos Estados Unidos, quando afirma o quanto a lição de casa é “extremamente importante” e agregadora de conhecimentos pois permite “incorporar novos conceitos”:

Eu me lembro muito bem das tarefas escolares! O dever de casa não era um problema, simplesmente fazia parte da rotina e acho que é um trabalho extremamente importante porque permite incorporar novos conceitos. (Marcelo Gleiser).

Pois é aqui, precisamente, neste processo de autogoverno que as subjetividades dos pais se descobrem, se revelam, que a relação com o outro não se faz mais num movimento vertical na tentativa de encontrar um eu profundo, “[...] soberano, fundador, uma forma universal de sujeito que poderíamos encontrar em todos os lugares” (FOUCAULT, 2004c, p.291). É preciso compreender que o sujeito na contemporaneidade vai além desse processo, uma vez que ele se constitui por meio de *práticas de liberdade*, que são realizadas a partir de regras, convenções, encontradas na sociedade educativa. Com a multiplicação de *expertises* que se configuram em uma intervenção indireta do Estado, abrem-se espaços de autorregulação espontânea dos sujeitos e de responsabilidade por suas próprias ações. Isso conduz os pais a tornarem-se *experts de si mesmos* (ROSE, 2001).

A biopolítica amplia o governo sobre o indivíduo e a sociedade passa a ser orientada por meio de um regime de verdades que não tem especificamente um governante, mas processos subjetivadores, constituídos por mecanismos, procedimentos, instrumentos de poder e de uma *expertise* que vai pressupor, provocar, estimular, transformar, corrigir as subjetividades a partir de práticas discursivas. A autoridade nesse exercício biopolítico funciona como um guia responsável pelas ações dos pais. Não pode ser qualquer pessoa, mas uma celebridade que reproduza de uma forma mais amena e sutil as verdades que serão necessárias à manutenção do Estado.

É o que os *experts* do *hotsite* fazem com os pais em relação ao dever de casa e que podemos recuperar no enunciado de Marcio Atalla, educador físico:

Acredito que a família deve estar sempre em sintonia com a escola. Agora, como treinador e professor, costumo passar lições de casa para os meus alunos, o que é essencial para estabelecer uma relação de corresponsabilidade. (Marcio Atalla).

Os sentidos deste enunciado reafirmam as marcas de um Estado educador que não está nem no início ou centro das ações, mas no final. O Estado não um é “monstro” nem um ancoradouro para subjetividades, mas se constitui a partir de outras maneiras de governar a conduta da sociedade. A mídia educativa, na autoridade dos *experts* com seus regimes de verdade, ajuda a ampliar a função reguladora do Estado com a invenção de novos mecanismos reguladores da conduta dos sujeitos. É a mídia “[...] mantendo a tripulação em seus postos,

dizendo-lhes o que fazer, sustentando a direção, comandando a manobra” (FOUCAULT, 2004a, p.392) que neste caso, são os pais, a família, compreendida como mais uma instituição a quem cabe a responsabilidade de orientar o filho na lição de casa e ficar atento para que nada fuja ao controle.

Essa manobra está atrelada às posições ocupadas pelos sujeitos quando enunciam como é possível evidenciar na materialidade do depoimento de Marcio Atalla, um discurso legitimador de parceria no termo “sintonia” que é bem mais ampla que a relação educador e pais. Essa “sintonia” está em uma racionalidade política autenticada pelo próprio *hotsite*, representada pelo MEC e pelo grupo Abril, que promovem uma condução da conduta dos pais de forma sutil e indireta em relação à resolução dos problemas com o dever de casa. E, Marcio Atalla, de forma perspicaz, retoma e vai educando as ações dos pais ao ratificar uma “corresponsabilidade” com o aluno que, indiretamente, chama os pais a esta parceria.

Ao examinarmos as práticas discursivas que elaboram a produção de subjetividades dos pais, no *hotsite Lição de Casa é Participação*, percebemos a recorrência de enunciados que ensinam um outro modo de se comportar como pai durante as lições de casa. Mas, antes de analisarmos estes depoimentos, consideramos relevante para a desconstrução da ideia de tecnologias de poder pensadas como coercitivas, retomar, a partir de Negri e Hardt (2004), a atualização dos conceitos de biopoder e biopolítica, propostos por Foucault¹¹⁴, em seus cursos, para tentar marcar de que lugar teórico estamos pensando as estratégias biopolíticas que atravessam as práticas discursivas do *hotsite*. Vamos tomar o conceito de biopoder e de biopolítica desses autores.

Biopoder é a forma de poder que regula a vida social por dentro, acompanhando-a, interpretando-a, absorvendo-a e a rearticulando. O poder só pode adquirir comando efetivo sobre a vida da população quando se torna função integral, vital, que todos os indivíduos abraçam e reativam por sua própria vontade. Como disse Foucault, “a vida tornou-se objeto de poder”. A função mais elevada desse poder é envolver a vida totalmente, e sua tarefa primordial é administrá-la. O biopoder, portanto, se refere a uma situação na qual o que está diretamente em jogo é a produção e a reprodução da própria vida” (HARDT; NEGRI, 2004, p. 43).

E a biopolítica,

¹¹⁴ Não vamos historicizar o percurso de Michel Foucault acerca do biopoder e biopolítica, pois a discussão requer mais espaço. Vamos nos ater apenas ao paradigma proposto por Michel Hardt e Antonio Negri (2001;2004).

[...] significa que a relação entre os conjuntos demográficos ativos (a educação, a assistência, a saúde, os trabalhadores, etc) e as estruturas administrativas que os percorrem é a expressão direta de uma potência produtiva. A produção biopolítica nasce da conexão dos elementos vitais da sociedade, do meio ambiente ou do Umwelt nos quais estão inseridos, e considera não que o Estado é o sujeito dessa conexão, mas, ao contrário, que o conjunto das forças produtivas dos indivíduos e dos grupos se torna produtivo à medida que os sujeitos sociais se vão reapropriando do conjunto. Nesse âmbito, a produção social é completamente articulada através da produção de subjetividade (NEGRI, 2001, p. 33-34)

Para estes autores, o biopoder implica autoridade sobre a sociedade, enquanto a máquina biopolítica produz a emergência subjetividades. Além de implicar imanência à sociedade ao produzir relações sociais colaborativas ou de parceria, como estamos denominando, que se faz entre sujeitos livres, em um jogo que, quanto mais aberto, mais atraente e fascinante se torna. É neste jogo colaborativo que Marcello Serpa, publicitário, e Ronaldo Fraga, estilista, evidenciam, respectivamente, em seus enunciados, a lição de casa como um momento de aproximação da família, de parceria, de produção de subjetividades:

Tenho percebido, ao longo dos meus anos de pai, que o momento de fazer a tarefa escolar com os filhos é mais um tijolo no vínculo que estabelecemos com eles. Isso ajuda a elevar e a manter a qualidade da relação. (Marcello Serpa)

Todos os dias, antes de dormir, eles mostram o dever de casa para minha esposa, Ivana, e para mim. Se não está bom, digo para corrigirem e eles resolvem sozinhos. Sempre fico por perto, mas nunca fiz nada no lugar deles. (Ronaldo Fraga).

Os mecanismos biopolíticos materializados por estratégias linguísticas que elaboram os dizeres das celebridades, “manter a qualidade da relação” e “sempre fico por perto”, investem sobre a família, este corpo coletivo, misturando saberes, dedicação, vontade. A essa relação, Foucault (2008) chamou de “*governamentalização*” na medida em que a educação se constituiu uma prática educativa de fundamental importância para o governo da população e a mídia educativa torna-se uma aliada do Estado ao fazer circular discursos de verdade que são imprescindíveis para a condução da conduta dos sujeitos.

Esse investimento é justificado por Foucault em seu curso de 1979, ao demonstrar as mudanças em seu ponto de vista em relação ao fato de que o poder não se limita mais a um Estado totalizador, provedor e protetor, mas a áreas que vão além do Estado e envolvem a iniciativa privada, como o *hospite*. De centralizador das ações, o Estado passa a ser visto como um distribuidor de tarefas e uma dessas tarefas seria a subjetivação dos pais, que precisam

aprender a governar os filhos em relação ao dever de casa. É a *expertise*, constituída por diversas autoridades, que passa a ensinar aos pais técnicas pelas quais eles possam conduzir-se de outra maneira em relação às atividades que são propostas pela escola e enviadas para casa. Vejamos o depoimento de Frei Beto:

O dever de casa facilita algo fundamental na nossa formação que é a síntese cognitiva, elencar as informações. Lembro que minha mãe sempre obrigava meu irmão e eu a lermos muito. A gente esparramava um monte de enciclopédias e dicionários na mesa da sala de jantar... Era um momento especial, que acho que todo mundo devia cultivar com os filhos. Não pode ser algo tolerado, com um olho no dever da criança e outro na televisão. Para o filho tem de ser um dever, para o pai ter de ser um prazer. (Frei Beto).

Podemos evidenciar novamente um discurso de parceria entre o *expert* e os pais que traz em seu interior a ideia de que a lição é uma tecnologia importante no processo de aprendizagem do filho/aluno. Essa prática utilizada pelo religioso caracteriza o dever de casa como algo que amplia a qualidade da educação, conforme objetivo do movimento. Além disso, o dever serve como facilitador, “o dever de casa facilita”, desafiador “obrigava a lermos muito”, investigativo “esparramava um monte de enciclopédias”, agregador da família “momento especial com os filhos” e, por fim, um misto de dever e prazer. Essa relação se constitui em uma tecnologia de poder que busca capturar e regular o pensamento dos pais, conduzindo-os a uma política-prática da qual a lição de casa aponta para o sucesso e fracasso escolar e isso só se efetivará se os pais assumirem esta responsabilidade junto ao *hotsite*.

As práticas discursivas que perpassam o *hotsite Lição de Casa é Participação* produzem efeitos de sentidos que traduzem uma compreensão de que não há mais uma ordem como: *you should (or you shouldn't) do that*, pois essa atitude amplia a revolta; mas, como uma sugestão: “você quer isso, você o merece, você deve isso a si mesmo, você pode consegui-lo, logo, vá atrás” (BAUMAN, 2009, p.103). Nesse jogo de relações entre poder e liberdade se produzem os modos de subjetivação contemporâneos que são atravessados por práticas de parceria, propostas por *experts* em seus discursos de verdade, que, neste caso do *hotsite*, evidenciam certa autonomia ou autogoverno dos pais ao enunciarem que “Lição de casa é participação” e propor a eles: “Faça sua parte! Acompanhe a lição de casa do seu

filho.”, pois de acordo com o expert Gustavo Ioschpe, “A lição de casa é uma poderosa ferramenta na aprendizagem de seu filho”¹¹⁵.

Conclusões

A noção de biopolítica e de governamentalidade neoliberal discutidas a partir dos enunciados propostos pelo *hotsite*, implicam não uma “retirada” do Estado da cena de governo e muito menos uma redução de suas práticas de regulação e controle. O que vimos foi uma reorganização ou reestruturação das estratégias biopolíticas de governo, que deslocam a competência do Estado para a mídia e esta toma para si a condução da conduta das subjetividades dos pais “comprometidos – e em alguma medida, obrigados – a seguir aprendendo em todos os espaços e no decorrer de sua vida toda” (NOGUERA-RAMIREZ; MARIN-DIAZ, 2014, p.54).

Além disso, as discursividades que atravessam os depoimentos dos *experts*, evidenciam que o *hotsite Lição de Casa é Participação* se constitui em uma maquinaria biopolítica que engendra ações para a condução da conduta dos pais em relação à lição de casa. Ou, modos de subjetivação constituídos por ações e verdades que apontam para a direção da conduta pelos próprios sujeitos, neste caso, os pais. Como expõe Foucault (2004c) em relação às práticas pedagógicas:

Não vejo onde está o mal na prática de alguém que, em um lado do jogo de verdade, sabendo mais do que o outro, lhe diz o que é preciso fazer, ensina-lhe, transmite-lhe um saber, comunica-lhe técnicas; o problema é de preferência saber como será possível evitar nessas práticas – nas quais o poder não pode deixar de ser exercido e não é ruim em si mesmo – os efeitos de dominação. (FOUCAULT, 2004c, p.284-85).

Foi essa a direção que tomamos neste artigo quando propusemos que a mídia desempenha um papel não apenas de tecer um controle social, mas de produzir uma regulação da liberdade com exercícios persuasivos, perspicazes, convincentes na condução da conduta dos pais. As práticas discursivas do *hotsite* se constituem em peça relevante nos processos de subjetivação da família, uma vez que, em vista das mudanças na racionalidade neoliberal e tecnologias de direcionamento da conduta, a discursividade de parceria se faz cada vez mais presente e atuante na mídia educativa.

¹¹⁵ Disponível em: <http://educarparacrescer.abril.com.br/aprendizagem/licao-de-casa-740760.shtml>. Acesso em: 28 abril. 2015.

Essa parceria é uma possível solução em vista de o Estado não poder assumir todas as responsabilidades no governo dos sujeitos e nem por uma “educação para todos”. Deste modo, o Estado divide esse encargo com uma *expertise* que se encarrega de promover, junto com as celebridades, mecanismos compensatórios da liberdade que dizem aos pais como se conduzir em meio aos processos de subjetivação, constituídos por regras facultativas. Isso faz com que os efeitos do poder, por sua quase invisibilidade e leveza, se ramifiquem por todo o tecido social e penetrem em todos os lugares, buscando capturar e regular a conduta da família.

A positividade das estratégias discursivas biopolíticas implicam um autogoverno dos pais e isso já não se constitui em novidade na sociedade educativa, pois todos são chamados a participar, a ser sujeitos, a redimensionar as condutas e ações. Essa forma de governo vai além da escola e demonstra o quanto a educação deve ser por toda a vida. Enfim, a partir de uma relação de parceria, concluímos que os depoimentos das “celebridades”, a quem o *hotsite* atribui a condição de *expert*, fazem circular discursos cujos sentidos operam como dispositivos biopolíticos para governar os pais e estes governarem os filhos na lição de casa.

Referências

- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- _____. **Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- _____. **A arte da vida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.
- DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.
- HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. **Império**. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- _____. **A hermenêutica do sujeito**. São Paulo: Martins Fontes, 2004a.
- _____. **A arqueologia do saber**. 7.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004b.
- _____. **Ética, sexualidade, política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004c.
- _____. **Nascimento da biopolítica**. São Paulo, Martins Fontes, 2008.
- NEGRI, Antonio. **Exílio**. São Paulo: Iluminuras, 2001.
- NOGUERA-RAMIREZ, Carlos Ernesto; MARIN-DIAZ, Dora Lilia. Educar es gobernar: la educación como arte de gobierno. **Cad. Pesqui.**, São Paulo, v. 42, n. 145, p. 14-29, Apr.

2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cp/v42n145/03.pdf>. Acesso em: 31 Mai. 2015.

_____. Biopolítica y Educación: hacia una nueva crítica de la educación. Entrevista a Silvia Grinberg. In: **Pedagogía y Saberes**, No. 38, Universidad Pedagógica Nacional Facultad de Educación. 2013, pp. 115-124. Disponível em:

<http://revistas.pedagogica.edu.co/index.php/PYS/article/view/2144>. Acesso em: 08 Mai.2015.

_____. O efeito educacional em Foucault. O governmento, uma questão pedagógica?. **Proposições**, Campinas , v. 25, n. 2, p. 47-65, maio/ago. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pp/v25n2/03.pdf>. Acesso em: 10 Jan. 2016.

ROSE, Nikolas. Como se deve fazer a história do eu? **Educ. Realidade**, 2001, Jan-Jun; 26 (1): 33-57.

VEIGA-NETO. Alfredo. Educação e governamentalidade neoliberal: novos dispositivos, novas subjetividades. In: PORTOCARRERO, Vera; CASTELO BRANCO, Guilherme (orgs). **Retratos de Foucault**. Rio de Janeiro: Nau, 2000.